



## **DESIGN E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UMA CARTOGRAFIA DE TRAJETÓRIAS FORMATIVAS**

Rafael Santos da Rosa<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este trabalho explora a interseção entre design, cartografia e educação antirracista, fundamentando-se na experiência formativa do pesquisador no Núcleo de Extensão, Ensino e Pesquisa Relações Étnico-Raciais (NEEPRER) da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). O objetivo principal do estudo é investigar como competências em design e comunicação podem ser empregadas como ferramentas pedagógicas e políticas para a valorização de epistemologias historicamente marginalizadas. A metodologia, de natureza participativa e dialógica, utiliza a cartografia como método de pesquisa-intervenção para acompanhar e mapear processos em curso. A ação central consistiu na condução de uma roda de conversa, dispositivo pedagógico freiriano, que culminou na elaboração de uma biografia coletiva de uma proeminente intelectual e militante negra na educação brasileira. O aporte teórico do projeto é amplo e multifacetado, ancorando-se na pedagogia popular feminista, em epistemologias negras e feministas latino-americanas e na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. A abordagem enfatiza a importância do diálogo, da escuta ativa e da práxis — entendida como unidade entre ação e reflexão — enquanto elementos centrais para uma educação emancipatória. A contribuição reside na demonstração prática de como a convergência entre design e cartografia pode gerar metodologias de pesquisa e intervenção inovadoras. Ao inviabilizar narrativas de mulheres negras, o estudo enriquece a historiografia da educação e reforça a necessidade de ocupar espaços de resistência. Conclui-se que a luta antirracista é um exercício de afeto, política e epistemologia, fundamental para a construção de uma educação mais justa e plural.

**Palavras-Chave:** Educação antirracista; Educação popular feminista; História da educação; Epistemologias negras.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, rafaelasantosdarosa948@gmail.com.

## DISEÑO Y EDUCACIÓN ANTIRRACISTA: UNA CARTOGRAFÍA DE TRAYECTORIAS FORMATIVAS

### Resumen

Este trabajo explora la intersección entre el diseño, la cartografía y la educación antirracista, basándose en la experiencia formativa del investigador en el Núcleo de Extensión, Enseñanza e Investigación sobre Relaciones Étnico-Raciales (NEEPRER) de la Universidad Católica de Pelotas (UCPel). El objetivo principal del estudio es investigar cómo las competencias en diseño y comunicación pueden emplearse como herramientas pedagógicas y políticas para la valorización de epistemologías históricamente marginadas. La metodología, de naturaleza participativa y dialógica, utiliza la cartografía como método de investigación-intervención para acompañar y mapear los procesos en curso. La acción central consistió en la realización de una ronda de conversaciones, un dispositivo pedagógico freireano, que culminó en la elaboración de una biografía colectiva de una destacada intelectual y militante negra en la educación brasileña. El aporte teórico del proyecto es amplio y multifacético, y se basa en la pedagogía popular feminista, en las epistemologías negras y feministas latinoamericanas y en la Pedagogía del Oprimido de Paulo Freire. El enfoque enfatiza la importancia del diálogo, la escucha activa y la praxis —entendida como unidad entre acción y reflexión— como elementos centrales para una educación emancipadora. La contribución reside en la demostración práctica de cómo la convergencia entre el diseño y la cartografía puede generar metodologías innovadoras de investigación e intervención. Al invalidar las narrativas de las mujeres negras, el estudio enriquece la historiografía de la educación y refuerza la necesidad de ocupar espacios de resistencia. Se concluye que la lucha antirracista es un ejercicio de afecto, política y epistemología, fundamental para la construcción de una educación más justa y plural.

**Palabras clave:** Educación antirracista; Educación popular feminista; Historia de la educación; Epistemologías negras.

## DESIGN AND ANTI-RACIST EDUCATION: A CARTOGRAPHY OF EDUCATIONAL TRAJECTORIES

### Abstract

This work explores the intersection between design, cartography, and anti-racist education, based on the researcher's formative experience at the Center for Extension, Teaching, and Research on Ethnic-Racial Relations (NEEPRER) of the Catholic University of Pelotas (UCPel). The main objective of the study is to investigate how competencies in design and communication can be used as pedagogical and political tools for the appreciation of historically marginalized epistemologies. The methodology adopted is participatory and dialogical in nature, using cartography as a research-intervention method to monitor and map ongoing processes. The central action consisted of conducting a conversation circle, a Freirean pedagogical device, which culminated in the collective biography of a prominent black intellectual and activist in Brazilian education. The theoretical framework of the project is

robust and multifaceted, anchored in feminist popular education, in black and Latin American feminist epistemologies, and in Paulo Freire's Pedagogy of the Oppressed. The approach emphasizes the importance of dialogue, active listening, and praxis — the unity between action and reflection — as central elements for an emancipatory education. The main contribution of the work lies in the practical demonstration of how the union between design and cartography can generate innovative research and intervention methodologies. By making the narratives of black women visible and accessible, the study not only enriches the historiography of education but also reinforces the need to occupy spaces of resistance. The project concludes that the anti-racist struggle is an exercise of affection, politics, and epistemology, fundamental for a more just and plural education.

**Keywords:** Antiracist education; Feminist popular education; History of education; Black epistemologies.

## Introdução

A aproximação do autor com o Núcleo de Extensão, Ensino e Pesquisa Relações Étnico-Raciais (NEEPRER) não se deu de forma fortuita; resultou de um processo articulado por percursos formativos, escolhas acadêmicas e inquietações políticas. Após concluir o Mestrado em Educação na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em 2024, o pesquisador identificou a necessidade de aprofundar estudos sobre as experiências e trajetórias negras, reconhecendo a importância de integrar espaços coletivos que unissem a produção acadêmica à ação social. Tal movimento baseia-se na perspectiva de que o campo de análise se distingue, mas não se separa do campo de intervenção (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 19).

No verão de 2025, motivado por um antigo projeto pessoal de atuar na área da comunicação social, o autor ingressou no bacharelado em Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Nesse novo contexto acadêmico, entrou em contato com o trabalho realizado pelo NEEPRER, reconhecendo nele um espaço privilegiado para articular saberes das ciências humanas e sociais com práticas extensionistas voltadas à promoção da equidade racial. A oferta de vagas para participação nas atividades do núcleo coincidiu com o momento em que buscava ampliar o diálogo entre a produção acadêmica e as práticas extensionistas, explorando a intersecção entre comunicação, arte, memória e educação antirracista.

Sua condição de homem negro e pesquisador nas áreas de educação e comunicação contribuiu para o reconhecimento do NEEPRER como um espaço de pertencimento e corresponsabilidade: um ambiente no qual a escuta, a voz e a produção acadêmica podem fortalecer lutas históricas contra o racismo e alimentar reflexões sobre políticas públicas. Tal perspectiva compreende a importância de “pensar uma dinâmica coletiva-institucional na qual toda a realidade em que os atores estão imersos se coloca como vetores determinantes na cena de análise: sexo, idade, raça, posição socioeconômica, significações socioculturais” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 25).

Desde o início, sua inserção no núcleo configurou-se como mais do que a mera participação em reuniões ou eventos, assumindo o caráter de um compromisso ético e formativo orientado pela escuta, pela coaprendizagem e pela atuação colaborativa. Nesse contexto, sua trajetória como designer ganhou centralidade: com formação em Artes Visuais pela UFPel e atuação desde 2007 como produtor cultural — especialmente no setor de histórias em quadrinhos —, a experiência acadêmica somada à formação complementar em Web e Design, permitiu articular competências técnicas à reflexão crítica sobre o papel da linguagem, da comunicação visual e da estética na educação antirracista.

As atividades desenvolvidas — da organização de ações à criação de materiais visuais — evidenciaram que o design pode operar não apenas como recurso estético, mas também ferramenta política e pedagógica de resistência. Essa experiência implicou o reconhecimento e a valorização das epistemologias que emergem das práticas de mulheres negras e de outros sujeitos historicamente subalternizados. A chegada ao NEEPRER representou, assim, o início de um percurso formativo no qual se entrelaçam trajetória pessoal, atuação profissional e horizonte político de construção de uma educação crítica, socialmente comprometida e epistemologicamente plural.

### **Trajetórias e Práticas na Educação Antirracista**

Este projeto é um exercício de reflexão crítica sobre a experiência formativa do autor na disciplina Feminismos e Educação Popular, do Programa de Pós-Graduação em Educação

(PPGE/UFPel), em diálogo com o NEEPRER (UCPel). Doutorando em Educação na Linha de Pesquisa Filosofia e História da Educação (UFPel) e graduando em Publicidade e Propaganda (UCPel), o autor situa essa experiência como uma formação ampliada, situada na interface entre investigação acadêmica e ação social.

A aproximação ao NEEPRER decorreu de uma trajetória intelectual e de uma perspectiva situada como homem negro, elementos que orientam escolhas comprometidas com justiça social e o enfrentamento das desigualdades raciais. Mais do que aprender sobre educação antirracista, o objetivo consistiu em colaborar na construção de práticas em um espaço que articula, de forma dialógicas, saberes acadêmicos e experiências comunitárias.

Ancorado em King (2024, p. 122), o autor assume perspectivas negras que tensionam o racismo institucional e orientam tanto pesquisa quanto a atuação. Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Política Social da UCPel, o núcleo desenvolve conhecimento engajado, pautado pelo diálogo horizontal e pela valorização de epistemologias negras e populares.

Entre março e julho de 2025, o autor participou de reuniões, oficinas e eventos do núcleo, contribuindo nas frentes de comunicação e design voltadas à organização de projetos e ações formativas.

**Imagem 1 - Logotipo do NEEPRER revitalizado**



Fonte: acervo pessoal do autor

Um dos primeiros projetos realizados junto ao NEEPRER contou com a participação do autor na revitalização do logotipo do núcleo, mobilizando seus conhecimentos como designer e artista visual. Essa atuação evidenciou como as dimensões estética e comunicacional podem se articular a um compromisso ético-político, potencializando processos educativos e práticas coletivas de resistência. Além disso, o percurso possibilitou atualizar e aplicar referências teóricas trabalhadas na disciplina, como a pedagogia dialógica e a educação enquanto prática de liberdade (Freire, 2019), bem como os aportes do feminismo interseccional (King, 2024), integrando-as a situações concretas de intervenção e produção de conhecimento.

**Imagem 2 - Banner da roda de conversa sobre Petronilha do NEEPRER**



Fonte: acervo pessoal do autor.

Além da revitalização da logomarca, foram desenvolvidos banners publicitários e informativos sobre as atividades do NEEPRER. Conforme ilustrado na Imagem 2, o banner veiculado em plataformas digitais convidava a comunidade acadêmica e a sociedade a participar da roda de conversa sobre Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva.

A proposta teórico-metodológica articulou educação popular feminista, epistemologias feministas latino-americanas, história da educação e cartografia. A história da educação possibilita analisar como sujeitos — especialmente mulheres negras e grupos historicamente

marginalizados — foram representados, silenciados ou protagonizaram processos educativos, evidenciando continuidades e rupturas.

Em seguida, na Imagem 3, desenvolveu-se o último trabalho artístico, que consistiu na criação de um cartaz em referência ao Dia da Mulher Negra Latino-Americana, comemorado em 25 de julho de 2025.

**Imagem 3 - Cartaz do dia da mulher negra Latino-Americana e Caribenha**



Fonte: acervo pessoal do autor

A cartografia, fundamentada na perspectiva de Passos, Kastrup e Escóssia (2015), oferece aportes para acompanhar, de forma implicada, os processos em curso, mapeando relações, tensões e potencialidades nos territórios de atuação. No âmbito desta pesquisa, essa articulação possibilita compreender como práticas extensionistas comunitárias e intersetoriais se inscrevem na memória e na história local, ao mesmo tempo em que promovem renovações

nos modos de ensinar, aprender e produzir conhecimento (Freire, 2019; Carrascoza; Zárate, 2022).

Metodologicamente, a ação central foi uma roda de conversa de inspiração freiriana, priorizando diálogo, reconhecimento mútuo e partilha de experiências. Em paralelo, desenvolveu-se uma escrita coletiva sobre a trajetória de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva — intelectual e militante referência na educação antirracista no Brasil e primeira mulher negra no Conselho Nacional de Educação —, com a finalidade de inscrever narrativas que tensionem o cânone e ampliem horizontes epistemológicos. Segundo King (2024):

Petronilha está na vanguarda da mudança da Educação no Brasil, preenchendo a lacuna entre a lei, a formulação de políticas, o ensino e o reconhecimento, a consciência e a agência das pessoas comuns. Foi uma honra apoiá-la sempre que solicitada. Em 2004, ela me convidou para participar de uma conferência internacional que organizara na UFSCAR. O foco do encontro eram as estratégias para implementar a nova lei aprovada pelo Conselho Nacional de Educação, do qual ela fazia parte: as Diretrizes Curriculares Nacionais para as Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana [...] (King, 2024, p. 123).

A metodologia adotada pelo autor funcionou ao mesmo tempo como prática pedagógica e como gesto político, ao reconhecer saberes produzidos nas margens sociais e por sujeitos historicamente silenciados. Essa postura reafirma o compromisso da educação popular feminista com a justiça social e com a equidade de gênero e raça.

A proposta ancora-se na *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (2019), entendida como projeto ético-político de educação enquanto prática de liberdade, em contraposição ao modelo “bancário” de ensino. Nessa perspectiva, diálogo e escuta não são apenas recursos metodológicos, mas condições fundamentais para que sujeitos em posição de subalternidade desenvolvam consciência crítica e se tornem capazes de transformar sua realidade.

No centro dessa concepção está a práxis, unidade de ação e reflexão voltada à mudança social. Essa noção se aproxima de abordagens feministas e decoloniais que reivindicam o reconhecimento de saberes situados (Haraway, 1995; Walsh, 2013), evidenciando experiências de mulheres que confrontam estruturas patriarcais, racistas e coloniais.

Valoriza-se, assim, não apenas a dimensão cognitiva da formação, mas também sua força política e afetiva, vinculada à produção de sentidos coletivos e à afirmação de identidades historicamente marginalizadas.

O trabalho, portanto, inscreve-se no esforço coletivo de construção de uma educação crítica e engajada, articulando os princípios da educação popular feminista ao horizonte emancipatório freiriano, e assumindo que a luta contra as desigualdades de gênero e raça é parte inseparável de um projeto mais amplo de transformação social.

### **Formação Coletiva e Educação Antirracista**

O NEEPRER orienta suas ações a partir dos fundamentos da educação popular feminista e da educação antirracista, compreendidas como estratégias pedagógicas e políticas voltadas à superação das desigualdades sociais de gênero e raça. O grupo reúne sete integrantes — docentes e discentes de diferentes áreas do conhecimento e trajetórias acadêmicas — cuja diversidade compõe um espaço de diálogo plural.

Essa heterogeneidade marcada por distintas experiências de raça, gênero e geração, instiga o autor a refletir sobre seu próprio lugar como homem negro, equilibrando a contribuição ativa com a abertura à escuta e à coaprendizagem. É nesse movimento que se revela a força do coletivo: na troca de perspectivas e na partilha de saberes, cada integrante aprende e ensina a partir de sua experiência situada.

A configuração do grupo expressa, em pequena escala, as tensões e as potências das relações sociais contemporâneas. No cotidiano do NEEPRER, as diferenças não são apenas reconhecidas, mas mobilizadas como oportunidades de aprendizagem compartilhada e como base para uma prática educativa comprometida com a revisão crítica das hierarquias presentes na universidade e na sociedade.

As trajetórias que compõem o grupo são atravessadas por engajamentos políticos, epistemológicos e afetivos, que orientam suas ações formativas e extensionistas.

Trata-se de um espaço em que a produção de conhecimento se articula a compromissos éticos e posicionamentos políticos, reafirmando a unidade entre teoria e prática característica das pedagogias críticas e feministas.

Logo abaixo, na imagem mencionada, registra-se uma reunião do NEEPRER, evidenciando a presença e a interação entre seus integrantes.

**Imagem 4 - Reunião do NEEPRER**



Fonte: acervo pessoal do autor

A atuação do grupo parte da compreensão da formação como processo político e coletivo, voltado à superação das desigualdades de gênero, raça e classe. Essa perspectiva dialoga com Carrascoza e Zárate (2022), que ressaltam a centralidade das experiências concretas de mulheres em seus territórios e lutas cotidianas, não como aspectos periféricos, mas como fundamentos de práticas formativas transformadoras. Nessa direção, o NEEPRER não apenas analisa a desigualdade e a opressão, mas também desenvolve metodologias pedagógicas baseadas na escuta, no diálogo e na valorização das narrativas e saberes produzidos por mulheres em diferentes contextos sociais.

## **Fundamentos Teórico-Políticos da Educação Emancipatória**

O projeto fundamenta-se nas contribuições de Silva e Rosa (2019), que articulam pedagogias populares e epistemologias feministas latino-americanas a partir de uma ética ancorada na ancestralidade, no cuidado e na horizontalidade das relações. Essa perspectiva entende o ato educativo não como mera transmissão de saberes, mas como prática social e política enraizada em vínculos comunitários e na valorização das memórias coletivas.

Dialoga também com o *Manual de Educación Popular Feminista* (Carrascoza; Zárate, 2022), cuja concepção, inspirada no pensamento freiriano, define a educação como prática de liberdade sustentada pela escuta atenta, pela legitimação dos saberes populares e por uma leitura interseccional das relações de gênero, raça e classe. Essa abordagem ressalta a necessidade de processos formativos que reconheçam as experiências concretas das mulheres em seus territórios como fontes legítimas de produção de conhecimento e como eixos centrais da transformação social.

Integra ainda esse referencial a contribuição de Paulo Freire (2018), cuja *Pedagogia do Oprimido* constitui referência fundamental para compreensão da educação como prática emancipatória. Diálogo, consciência crítica e superação das opressões históricas incidentes sobre sujeitos marginalizados são princípios estruturantes da experiência formativa relatada, reforçando o compromisso com uma pedagogia interseccional voltada à justiça social.

## **Metodologia Participativa**

A metodologia desta experiência formativa fundamentou-se na atuação do pesquisador como ministrante de uma palestra e em seu compromisso com a trajetória intelectual e política de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, referência incontornável para a educação antirracista no Brasil. Realizada em 18 de julho de 2025, na sala 249 do Campus I da Universidade Católica de Pelotas (UCPeL), a atividade foi conduzida por meio de uma abordagem participativa, apoiada nas epistemologias negras e na pedagogia crítica antirracista presentes na vida e na obra de Petronilha.

O núcleo da proposta consistiu em uma roda de conversa, dispositivo pedagógico que privilegia a horizontalidade, a circulação de saberes e a construção coletiva do conhecimento. Participaram da atividade as integrantes do NEEPRER e outras mulheres vinculadas ao projeto *Sanfokar: Voltar à origem – as contribuições de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva nos alicerces da educação antirracista no Brasil*, no âmbito da programação “Julho das Pretas”. O objetivo central foi elaborar, de forma crítica e sensível, uma biografia coletiva da educadora, reconhecendo tanto sua trajetória pessoal quanto suas contribuições acadêmicas e políticas para a promoção da equidade racial.

A roda de conversa teve como propósito criar um espaço de escuta ativa e de compartilhamento de experiências, articulando vivências concretas de enfrentamento ao racismo no contexto acadêmico com os marcos históricos e políticos que atravessam a trajetória de Petronilha. Essa escolha metodológica dialoga com a concepção freiriana de práxis como unidade entre ação e reflexão e com a noção de que a biografia, quando construída coletivamente, pode se tornar ferramenta de resistência e afirmação identitária, inscrevendo no espaço acadêmico narrativas capazes de tensionar e ampliar o cânone educacional.

**Imagem 5 - Roda de Conversa - Julho das Pretas**



Fonte: acervo pessoal do autor

Na fotografia, observa-se o grupo de integrantes do NEEPRER em diálogo preparatório para a comunicação do pesquisador sobre o texto *Trajetórias de amizade e luta antirracista: quatro décadas de colaboração vitoriosa no Brasil*, nos Estados Unidos e na África (King, 2024).

A decisão de investigar a trajetória de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva não se fundamenta apenas em sua relevância como autora do Parecer CNE/CP nº 3/2004 — documento que regulamenta a Lei nº 10.639/2003 e estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. A escolha ancora-se em seu papel como mulher negra que construiu, com rigor acadêmico e compromisso político, pontes entre saberes afro-diaspóricos e políticas educacionais brasileiras, tensionando fronteiras epistemológicas e institucionais.

Ao examinar sua biografia, depreende-se a potência da trajetória de Petronilha não meramente como registro histórico, mas como horizonte ético e epistemológico para fundamentar práticas educativas comprometidas com a justiça racial, a equidade e a transformação social. A obra e atuação da autora oferecem um exemplo concreto das possibilidades de produção acadêmica, militância e intervenção política, reafirmando a centralidade da experiência negra na formulação de políticas públicas e na construção de pedagogias críticas e antirracistas.

Nesse sentido, sua história de vida constitui-se não apenas como objeto de estudo, mas como inspiração e guia para práticas formativas que buscam desestabilizar estruturas de opressão e afirmar a pluralidade de vozes no espaço educacional.

A roda de conversa foi orientada pelos princípios ético-políticos destacados por Joyce E. King (2024, p. 118-130) ao narrar suas quatro décadas de amizade e colaboração com Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva.

Nessa perspectiva, evidencia-se a sustentação de práticas educativas transformadoras em fundamentos para além da dimensão técnica ou instrumental. Tais práticas ancorando-se no afeto, na escuta sensível, no respeito mútuo e na construção transnacional de saberes. Essa concepção reconhece a educação como espaço de produção de vínculos éticos e

epistemológicos capazes de transpor fronteiras geográficas e culturais e a fortalecer alianças na diáspora africana.

A partir desse diálogo teórico e experiencial, compreende-se que a luta antirracista não se limita à denúncia das opressões ou à proposição de políticas reparadoras, mas constitui também um exercício de afetividade política e epistemológica. Nesse exercício, o reconhecimento da humanidade plena das populações negras está profundamente enraizado na memória coletiva, na escuta como prática ética e no sentimento de pertencimento a uma história comum de resistência.

Essa perspectiva, ao articular uma dimensão afetiva e um compromisso político, reafirma que a transformação social exige tanto o enfrentamento das estruturas de poder quanto a reconstrução dos laços comunitários e das subjetividades negras, historicamente violentadas pelo racismo estrutural.

**Imagem 6 - Registro da atividade sobre Petronilha Beatriz**



Fonte: acervo pessoal do autor

Na Imagem 6, registra-se a última atividade do semestre, realizada em forma de bate-papo sobre a biografia de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Essa roda de conversa ultrapassou a dimensão de técnica metodológica, configurando-se como um espaço político-

pedagógico, no qual foi possível experimentar a coautoria de narrativas e perceber, na prática, como memória e história se entrelaçam às experiências vividas. Ao dialogar sobre a trajetória de Petronilha, o pesquisador foi instigado a revisitar sua própria trajetória e a refletir — a partir de seu lugar enquanto homem negro, pesquisador e educador — sobre as continuidades e rupturas nas experiências de mulheres negras na educação superior.

Essa reflexão não ocorreu de forma isolada: a metodologia adotada esteve ancorada na horizontalidade, na ancestralidade e na coletividade, princípios éticos que dialogam diretamente com as pedagogias negras e com os modos de produção de saberes que orientam a atuação do NEEPRER. Ao vivenciar tal experiência, reconheceu-se que ela reafirma, em nível pessoal, o compromisso acadêmico e político com a produção de conhecimento antirracista, bem como com a valorização das histórias e contribuições das mulheres negras na educação brasileira. Para além da análise de dados e teorias, a participação nesse processo possibilitou sentir e compreender, de forma visceral, a importância de ocupar espaços de memória, de escuta e de compartilhamento de saberes que resistem às invisibilizações históricas.

### **Análise da Experiência**

Ao conduzir a atividade, o pesquisador experimentou profundamente a potência da escrita coletiva e do diálogo como ferramentas de formação política e afetiva. Observar o grupo engajar-se na construção conjunta de narrativas demonstrou, de forma concreta, que o compartilhamento de experiências constitui também um ato de cuidado e resistência. As histórias narradas pelas mulheres do grupo evidenciaram a força das pedagogias do cuidado e da escuta, mostrando que práticas educativas não hierárquicas podem transformar vínculos e fortalecer comunidades.

A trajetória de Petronilha tornou-se um espelho para reflexão sobre a própria atuação do pesquisador e sobre o espaço que ocupa na universidade. Ao contemplar sua vida e seus desafios, emergiram sentimentos de inspiração e responsabilidade: inspiração para valorizar e preservar as contribuições das mulheres negras na educação brasileira, e responsabilidade para analisar criticamente os mecanismos institucionais que ainda reproduzem desigualdades raciais e de gênero. A experiência evidenciou, de forma concreta, que a produção de conhecimento

antirracista não se restringe à teoria, mas se realiza na vivência, na escuta atenta e no compromisso ético de tornar os espaços educativos mais justos, inclusivos e transformadores.

### **Considerações Finais**

A vivência com o NEEPRER permitiu ao pesquisador experienciar de forma concreta os princípios da educação popular feminista, articulando-os com fundamentos centrais da história da educação e com suas práticas de design e comunicação. Durante a atividade, evidenciou-se como a escuta atenta, a valorização das trajetórias individuais e a produção de conhecimento situado dialogam com práticas historicamente reconhecidas na historiografia educacional: investigar processos formativos em seus contextos sociais, culturais e políticos; identificar continuidades e rupturas nas experiências de grupos historicamente marginalizados; e compreender como as práticas educativas reproduzem ou contestam relações de poder. Essas dimensões podem ser potencializadas por recursos de design e estratégias comunicacionais que organizam, visualizam e tornam acessíveis narrativas coletivas.

A *biografia* coletiva de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva constituiu um espaço privilegiado para refletir sobre essas dimensões. Cada narrativa resgatada e memória compartilhada evidenciou que a educação não se limita à transmissão de conteúdos, mas constitui um território de emancipação, onde memórias, experiências e saberes se entrelaçam. Nesse contexto, o design e a cartografia de informações realizados pelo pesquisador funcionaram como ferramentas para mapear trajetórias, organizar visualmente saberes e facilitar o compartilhamento coletivo de experiências, fortalecendo a dimensão formativa da atividade. A trajetória de Petronilha tornou-se referência concreta para a análise crítica o currículo, a produção de conhecimento e os desafios da universidade em relação à equidade racial e de gênero. Em diversos momentos, emergiram sentimentos de profunda admiração por sua resistência, bem como senso de responsabilidade no exercício da pesquisa enquanto homem negro. Tais percepções fomentaram a inspiração para promover práticas educativas que dialoguem com os princípios da história da educação, do design e da cartografia, visibilizando e valorizando experiências e contribuições tradicionalmente invisibilizadas.

Essa experiência reafirmou que a produção de conhecimento histórico, educacional e comunicacional não se limita à análise documental ou teórica, mas se constrói na vivência, na escuta, no diálogo e na coautoria de saberes. Conclui-se que o compromisso pessoal, acadêmico e político do pesquisador deve se traduzir em práticas éticas, afetivas e historicamente fundamentadas, capazes de fortalecer a memória, a visibilidade e a valorização das mulheres negras na educação brasileira, contribuindo para uma historiografia da educação mais plural, crítica, transformadora e comunicacionalmente acessível.

### **Referências:**

CARRASCOZA, Andrea; ZÁRATE, Luiza (Orgs.). *Manual de educación popular feminista: sembrar justicia de género*. Bogotá: Red de Educación Popular entre Mujeres de América Latina y el Caribe – REPEM; Fondo de Población de las Naciones Unidas – UNFPA, 2022. Disponível em: <https://repem.org/manual-educacion-popular-feminista>. Acesso em: 15 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 91. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

HARAWAY, Donna. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Editora 34, 1995.

KING, Joyce Elaine. Trajetórias de amizade e luta antirracista: quatro décadas de colaboração vitoriosa no Brasil, nos Estados Unidos e na África. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (Org.). *Africanidades brasileiras: o legado de Petronilha Beatriz*. São Paulo: Fundap, 2024. p. 118-130.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SILVA, Maria Aparecida; ROSA, Gisele Rocha (Orgs.). *Pedagogias populares e epistemologias feministas latino-americanas*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad crítica y educación popular*. Quito: Abya-Yala, 2013.